

EVIDÊNCIA ORAL & REMINISCÊNCIA PESSOAL: DESAFIO E REALIZAÇÃO

Joselice Jucá, Ph. D*

O objetivo desta comunicação é ensejar a oportunidade de discutir algumas questões relativas ao uso da técnica da **história oral**, a partir de duas experiências distintas vividas na Fundação Joaquim Nabuco, no Recife. Refiro-me à elaboração de dois livros produzidos com um intervalo de dez anos, o primeiro, em 1982 e o segundo, em 1991, cujo denominador comum constituiu-se no fato de ambos resgatarem a história de duas importantes instituições do Nordeste brasileiro. *CHESF 35 anos de História e Joaquim Nabuco: uma Instituição de Pesquisa e Cultura na Perspectiva do Tempo* (Jucá, 1982 e 1991) foram elaborados, ambos, através da utilização da técnica da **história oral**, enquanto técnica complementar às demais utilizadas na pesquisa histórica.

Não se trata, por conseguinte, de um estudo teórico sobre metodologia histórica e a técnica da **história oral**; pelo contrário, pretende-se expor, do ponto de vista empírico, as experiências de duas equipes quando da elaboração de seus trabalhos, utilizando, além da documentação escrita, as fontes orais. Isto não significa, no entanto, que questões outras, mais abrangentes e ausentes deste texto, não possam ou devam fazer parte dos debates que certamente ocorrerão após a apresentação deste trabalho.

Antes de nos atermos propriamente à nossa experiência com o primeiro daqueles trabalhos - *CHESF 35 anos de história*, parece oportuno tecer algumas considerações iniciais sobre aquela companhia de eletricidade, assim como expor as razões que levaram à elaboração do trabalho e à escolha da metodologia utilizada.

A importância da Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco-CHESF,

* Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco. Doutora em História.

se confunde com a história social e econômica do próprio Nordeste, considerando-se que o objetivo da criação da Companhia foi o de aproveitarem-se as potencialidades do Rio São Francisco, considerado, nos compêndios de história, como “o rio da unidade nacional”.

Nas discussões preliminares com o então Presidente da Companhia, e idealizador da elaboração do trabalho, Dr. Luiz Carlos Menezes, ficou claro para a equipe (1) que era do desejo daqueles que pertenciam àquela Instituição ver registrada não apenas a história da CHESF, *stricto sensu*, mas vê-la contextualizada na própria história regional. Nas palavras do prefaciador do livro, Nilo Pereira, o trabalho “é um largo trecho da própria história do Nordeste. História não apenas técnica, isto é, de um empreendimento técnico verdadeiramente extraordinário, mas também social e comunitário” (Jucá, 1982, p. 19).

Inicialmente, a idéia da coleta de depoimentos orais para o projeto CHESF tinha como objetivo apenas o levantamento da “memória oral” da Instituição dentro do seu contexto regional. Pretendia-se o registro de depoimentos que resguardassem a história da Companhia, evitando-se a perda de depoimentos preciosos sobre aquela epopéia nordestina: o projeto Paulo Afonso.

A idéia do aproveitamento da força hidráulica do São Francisco não se restringira à década de quarenta, quando, finalmente, o decreto-lei de 3 de outubro de 1945 autorizou a organização da Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco. A sua história vinculou-se a um passado distante, pontilhado de insucessos, desde as tentativas do naturalista J. V. Couto, em 1801, passando pelo pedido de concessão ao governo brasileiro, do inglês Richard George Reidy, em 1910, repetindo-se em 1913, quando o engenheiro Francisco Pinto Brandão pretendeu implantar uma “Empresa Hidro-Elétrica Agrícola Industrial do Brasil”. Com a arrojada experiência do pioneiro Delmiro Gouveia, iniciada por volta de 1910 e interrompida por sua morte em 1917, seguiram-se, até a década de quarenta, estudos sistemáticos sobre a cachoeira de Paulo Afonso, estudos topográficos e levantamentos hidrográficos visando ao futuro aproveitamento daquele potencial.

Na medida em que fazíamos o levantamento preliminar do universo da Companhia, a partir do conhecimento das fontes escritas, foi ficando claro para a equipe que a complexidade e a riqueza de sua história envolviam muitos outros aspectos da história do Nordeste: os sociais, econômicos e até mesmo uma história da tecnologia brasileira, a partir da implantação de técnicas estrangeiras rapidamente assimiladas e até recriadas, em suas soluções brasileiras, pelo caboclo nordestino.

(1) - Equipe técnica: Coordenador Técnico: Joselice Jucá; Coordenador Administrativo: Eng. Aelfo Marques Luna; Secretária e Assessoramento Editorial: Lêda Maria Moraes de Barros Lima; Entrevistadores: Lêda Maria Moraes de Barros Lima, Delma Maranhão, Joselice Jucá, Magdalena Maria de Almeida, Maria Celeide Soares; Transcritores: Aluisio Cesário Ribeiro, Fátima Melo de Oliveira, Fátima Rejane Caminha da Silva, Maria do Rosário de Holanda Santos, Maria Oliveira.

Aquela visão global do universo a ser investigado constituiu-se, por assim dizer, numa espécie de indicador não apenas das abordagens que precisavam ser feitas, mas também abriu espaço a uma margem maior de acerto no que tange às pessoas que deveriam dar o seu depoimento oral, que seriam imprescindíveis para a compreensão da história da Companhia no seu contexto regional.

Havia também uma preocupação de evitar-se a chamada “história elitista”, que enfatizasse a “história carlyliana” dos grandes heróis. A própria análise da documentação coletada certamente contribuiu para esta diretriz. Observou-se que a CHESF se constituiu como produto da profunda integração dos homens que a fizeram e nesse universo se diluem, indistintamente, engenheiros do porte de Octávio Marcondes Ferraz, autor do Projeto de Paulo Afonso e primeiro Diretor Técnico da Companhia, e o operário anônimo, recrutado na Região e transformado em pedreiro, carpinteiro, escafandrista e até mesmo operador de máquinas importadas, desenvolvendo uma perfeita intimidade com os sofisticados equipamentos estrangeiros, após breve treinamento; na verdade, a plasticidade, a facilidade de adaptação do trabalhador brasileiro foram fatores grandemente responsáveis pelo sucesso da árdua e desafiante fase inicial da CHESF. Não há dúvida de que “raramente se constata, na época atual, a convergência feliz de pessoas das mais diferentes origens, de diferentes formações, a se dedicarem de tal modo e a se motivarem tanto com um Projeto, como com o de Paulo Afonso” (Jucá, 1982, p. 90).

Além desses aspectos, enfatize-se que, concomitantemente ao início dos trabalhos técnicos, desenvolvia-se, paralelamente, na Companhia, através da Diretoria Comercial, então sob a responsabilidade do Gen. Carlos Berenhauser Júnior, o primeiro estudo de mercado de energia elétrica a se realizar no país, o qual visava à operacionalização da usina. O engenheiro Natércio Pereira, responsável por aqueles estudos, encaminhou os trabalhos em duas etapas: um minucioso estudo teórico que abrangia o conhecimento da população, das atividades industriais, agrícolas e comerciais da região a ser beneficiada por Paulo Afonso, e um levantamento, ainda mais completo, sobre a parte elétrica do município, com base nos dados fornecidos pela Divisão de Águas do Ministério da Agricultura; em um segundo momento, a equipe de técnicos se deslocava para trabalhos *in loco*, demorando-se em viagens de mais de dois meses pelo sertão nordestino, para aferição dos dados teóricos anteriormente obtidos.

Essa breve incursão sobre os primeiros tempos da história dessa Companhia teve como objetivo oferecer subsídios para uma melhor compreensão das razões pelas quais, coletados os depoimentos, aceitou-se o desafio de elaborar-se o livro. A proposta foi a de produzir-se uma história da Companhia, de modo a conhecer-se o seu “dia-a-dia” histórico ao longo daqueles 35 anos de serviços prestados à Região; esperava-se, ao final, que a Instituição tivesse enfeixado, de modo sistemático, informações de fácil acesso, um livro simples, de leitura amena, enfatizando a história dos “heróis anônimos” e não apenas dos seus dirigentes.

Como técnica complementar à pesquisa histórica, a **história oral** se coadunou inteiramente com a proposta do trabalho, e não apenas isso. Ao produzir um acervo de documentos primários, (2) a **história oral** o fez não só sobre a CHESF, enquanto Companhia regional, mas abrangeu substancial parte da história do setor elétrico do país. A realidade, no entanto, foi além das expectativas: a documentação oral coligida ofereceu um índice temático de tal modo diversificado e rico, que resultou na produção de fontes originais sobre aspectos vários, como a política nacional, questões sociais próprias da Região, a história social de uma época, a moral e os costumes que caracterizaram uma fase da história recente do Brasil.

Inicialmente, considerou-se um universo de 50 entrevistas segundo um corte horizontal e vertical conforme o posicionamento dos depoentes na Companhia, tomando como pontos de partida ex-diretores da empresa, funcionários antigos nas mais diferentes funções, políticos da época, entre outros. Na prática, evoluiu-se, posteriormente, para um total de 61 entrevistas, dada a importância das informações obtidas e a excelência do material humano em disponibilidade.

O critério de seleção vinculou-se à importância do depoente no contexto da história da Companhia, onde desempenhara papel relevante como protagonista ou partícipe de sua história. Interessante observar que os depoimentos dados pelos funcionários de menor categoria na empresa - aqueles geralmente considerados “menores” pela tarefa aparentemente despreziosa ou irrelevante que desempenhavam - resultaram, concorde com a intensidade de sua experiência individual, tão ricos e substanciais quanto aqueles obtidos de ex-diretores e presidentes da empresa.

Outro aspecto interessante a registrar é que a técnica da **história oral** não conduziu a uma história factual, como aos desavisados poderia parecer. As fontes coletadas não suscitaram apenas a interpretação dos fatos, enriqueceram-na com os matizes psicológicos oferecidos pelos depoentes, aspecto enfatizado na introdução àquele trabalho pela autora: “...muitas vezes é a emoção reprimida, o desejo disfarçado, a raiva contida e até as lágrimas indisfarçadamente presentes que sugerem o “clima” e a significação dos fatos ocorridos ao longo de algumas décadas. O documento oral não é frio, impassível por mais que o depoente procure sê-lo; ao pesquisador mais experiente aquilo que foi “censurado” certamente poderá ter sido mais significativo e verdadeiro” (Jucá, 1982, p. 29). Essas experiências foram fartamente vivenciadas pela equipe de entrevistadores.

No caso específico do segundo trabalho aqui já citado, sobre a Fundação Joaquim Nabuco, ele nasceu sob a égide do pensamento de Gilberto Freyre, - idealizador e fundador do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais - no que tange à sua visão particular sobre a história das instituições: a de escrever-se não apenas a história das instituições, mas a sua biografia,

⁽²⁾ - A CHESF e FUNDAJ são hoje depositárias dos depoimentos transcritos, abertos à consulta do público.

tomando a entidade como sendo uma pessoa.

Conforme essa abordagem, não apenas histórica, mas biográfica, definiu-se o projeto, à maneira do da CHESF, com o objetivo de resgatar-se a memória histórico-institucional daquela Fundação, permitindo-se, desse modo, a organização do seu próprio acervo oral, concomitante à análise crítica da documentação escrita da Casa. Pretendia-se, como meta final, a elaboração de um livro que preservasse os seus 40 anos de atuação nas regiões Norte e Nordeste.

No caso da FUNDAJ, impunha-se a adoção da coleta de depoimentos orais, objetivando o preenchimento dos “claros” encontrados em largos trechos da história da Casa, os quais correspondiam à carência de registros mais completos e precisos sobre determinados setores e segmentos da Instituição. Importantes aspectos da sua história como, por exemplo, os primórdios da instalação dos trabalhos de pesquisa, que conferiram ao então IJNPS a antecipação e o pioneirismo na pesquisa social no Norte/Nordeste, só puderam ser reconstituídos e registrados através do cotejo eficiente, esclarecedor entre os documentos oficiais e os depoimentos daqueles que integravam a Instituição em sua fase inicial. Não esquecer o enriquecimento deste cotejo, em decorrência de consultas aos arquivos particulares desses depoentes.

Acrescente-se ainda, no que tange à metodologia indicada para o trabalho, que a preocupação foi também a de evitar-se, uma vez mais, uma história elitista, onde se privilegiassem apenas os dirigentes e pesquisadores. Como explicitado no trabalho, pela autora, “desse modo, a monocromia advinda da tessitura de apenas um segmento da instituição, seria substituída pela policromia, característica do entrelaçamento dos seus diversos matizes” (Jucá, 1991, p. 24).

Foram três as categorias representadas pelos entrevistados: o funcionário da Casa, no passado e no presente; o depoente funcionalmente desvinculado da Instituição, representado por aquelas pessoas ligadas a outros órgãos de cultura; e estudantes vinculados às universidades regionais. O propósito era o de obter-se uma visão um tanto ou quanto diversificada do objeto estudado, de modo a chegar-se a um perfil, o mais aproximado possível, de sua história biográfica no contexto regional. Do mesmo modo, ao estender-se a pesquisa às regiões Norte, Nordeste e Centro-Sul, ela abrangeu não apenas o conjunto das Diretorias Regionais e a Superintendência da Amazônia, mas pessoas vinculadas a instituições congêneres, de modo a obter-se, da Fundação, não apenas uma visão interna, mas uma visão multifacetada de sua história.

Oportuno é enfatizar-se que nenhum segmento da Instituição foi privilegiado. Um maior ou menor aprofundamento das questões discutidas deve-se, exclusivamente, à carência ou à abundância de fontes disponíveis. As dificuldades existentes para o levantamento de alguns segmentos da Casa foram quase intransponíveis, recorrendo-se ao depoimento oral dos primeiros funcionários, aos arquivos privados, às publicações esparsas, muitas já esgotadas e pertencentes a particulares. Essa reconstituição, porém, é passível

de lacunas, sobretudo no que tange ao levantamento das pesquisas realizadas pelo antigo IJNPS, tarefa árdua, grandemente dificultada pela inexistência de um registro sistemático daquelas pesquisas, arquivadas desde o antigo Instituto.

Ao analisar-se, no entanto, a metodologia do trabalho desenvolvido através da coleta de 103 entrevistas, depreendeu-se que a adoção dessa metodologia não poderia ter sido ignorada, considerando-se a riqueza documental emergida daqueles depoimentos e o ensejo da formação de um rico acervo de fontes orais primárias sobre uma instituição que também representa uma significativa parte da história cultural da Região onde foi implantada.

A elaboração de ambos os trabalhos aqui analisados ocorreu, sobretudo, em decorrência da visão predominante da equipe, sobre a adoção do depoimento oral no que tange ao relacionamento das fontes orais e escritas. Neste particular aspecto, lembrar a visão de Jan Vansina (Vansina, 1985, p. 199) (3) sobre o assunto: “o relacionamento entre as fontes orais e escritas não é aquele da prima-dona e de sua substituta na ópera: quando a estrela não pode cantar, aparece a substituta: quando a escrita falha, a tradição sobe ao palco. Isso está errado. As fontes orais corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem”.

Nas pesquisas acima discutidas trabalhou-se, no âmbito da **história oral**, com depoimentos embasados no que Paul Thompson (Thompson, 1978, p. 63) enfatiza como **reminiscência pessoal direta**, a qual, aliás, permeia os trabalhos daquele historiador britânico. Observou-se que os depoimentos ocorreram, efetivamente, dentro do que os psicólogos chamam de momento de “revisão de vida”, aspecto enfatizado por Peter Burke (Burke, 1992) ao se referir ao fato de que “as pessoas adquirem um “poço

⁽³⁾ - Citado por Peter Burke. A Autora desenvolveu seu trabalho em sociedades não alfabetizadas na África.

de informações”, preenchido pelo relacionamento pessoal. É circunscrito a seu contexto social, obviamente forma a identidade pessoal e tem uma incrível estabilidade”.

BIBLIOGRAFIA

BURKE, Peter. (Org.) *A Escrita da História Novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1992 (Biblioteca Básica)

HOSKINS, W. G., *Local History in England*. London: Longman, 1984.

JUCÁ, Joselice. *CHESF - 35 Anos de História*. Recife: CHESF, 1982.

_____. *Joaquim Nabuco Uma Instituição de Pesquisa e Cultura na Perspectiva do Tempo*. Recife: FUNDAJ Editora Massangana, 1991.

OAKESHOTT, Michael. *On History and other essays*. Basil Blackwell: Oxford, 1983.

THOMPSON, Paul. *The Voice of the Past: Oral History*. Oxford, 1978.

VANSINA, Jan. *Oral Tradition as History*. Madison: Wisconsin, 1985.

